

NOVO ENSINO DE HISTÓRIA: UMA NOVA PERSPECTIVA A PARTIR DO OLHAR INDÍGENA.

Autor: Bruno Barreto Alves da Silva
Co-autor 1: Cilene Pereira Maximiano
Co-autor 2: Nereu Santana Silva
Orientador: João Andrade
Coordenador: João Bueno

Resumo:

O presente artigo tem como finalidade expor e tratar da relação das figuras históricas, nacionais e regionais dos indígenas com sua inserção ao meio didático, trazendo a tópico o debate do assunto e a exposição do mesmo aos alunos, defendendo que tal ação será de caráter construtivo e deveria não apenas ser adotada em salas de aula, mas em meio acadêmico, tal como tornar-se tópico de pesquisa de historiadores e outros estudiosos. O presente artigo se utiliza do fato indubitável de que o sujeito do seu assunto, os indígenas, deixaram uma herança histórica e cultural imensa, chegando a ser razão para a formação de cidades, senão completa, parcial, enfatizando sua importância e discorrendo sobre o assunto já mencionado posto em prática na sala de aula pelos estagiários do PIBID (Programa de Bolsas para Iniciação à Docência).

Abstract:

The purpose of this article is to expose and deal with the relation of the historical, national and regional figures of the Indians with their insertion into the didactic environment, bringing the topic to the debate of the subject and the exposition of the same to the students, arguing that such action will be constructive and should not only be adopted in classrooms but in an academic setting, such as becoming a topic of research by historians and other scholars. The present article uses the undoubted fact that the subject of his subject, the Indians, left an immense historical and cultural heritage, becoming a reason for the formation of cities, if not complete, partial, emphasizing their importance and discussing the a matter already mentioned put into

practice in the classroom by the trainees of PIBID (Scholarship Program for Teaching Initiation).

Introdução:

O ensino de História nas salas de aulas sempre foi um dos temas mais discutidos tanto entre professores na academia quanto entre os próprios teóricos dela. Os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), nos dão um norte dos assuntos que devem ser apresentados nas salas de aula. Contudo, grande parte do currículo de História para os professores não abrange uma totalidade como sugere o título de vários livros de história, como “*História Geral*”, pois estes ainda estão vinculados a um currículo totalmente eurocêntrico, isto é, grande parte da história que se trata nos livros didáticos tem como um foco principal todos os acontecimentos relativos à Europa e seus períodos históricos.

Para além, a padronização do ensino prevê uma história didática sempre contada de cima, “*História dos Grandes eventos e imperadores*”, acabando assim por obscurecer outras áreas da história, como toda boa cadeira de História crítica apresentará. Dentro deste cenário e mesmo com um movimento que permitiu uma História mais teorizada como a dos “*Analles*”, ainda nos vemos presos a currículos totalmente antiquados que não prezam tanto as demais áreas da história, mas também acabam caindo no monotonismo e na ineficiência de seu ensino, uma vez que podemos admitir que a cultura vigente em uma sociedade está intimamente ligado à sua história e não apenas a História política.

Com o PIBID (Programa de Bolsas Para Iniciação da Docência), o modelo de estágio que era realizado antes pelas academias agora toma um novo rumo, onde visa incluir na sala de aula essas particularidades que vinham sendo esquecidas pela própria proposta curricular, e com um novo modelo de educação cultural e inclusiva proposta pelo PNE (Plano Nacional de Educação.) passou a ser analisado nas salas de aulas, uma história mais vista de baixo, algo que estava mais presente em pequenos atos do dia a dia e que

não forçava tanto o discente a memorizar datas e eventos, mas sim momentos. Com isso, o PIBID para o ano de 2017 trouxe a proposta de se trabalhar nas salas de aulas o tema “*A história regional sobre o ponto de vista indígena*”, tema que do ponto de vista bibliográfico seria um desafio a ser aceito, pois com relação à região de Guarabira –PB e à sua relação com os antepassados indígenas, existem muito poucas obras a respeito, e muito poucos historiadores que tomaram a frente para tratar de tal assunto.

Com o presente artigo e as experiências obtidas nas salas de aulas, se torna altamente importante a catalogação e reflexão sobre essa especificidade da História geral, e a contextualização para com os alunos sobre o que que é afinal o “*ser indígena*” e quais as relações e descendências que podemos entrar diariamente. Se torna importante um olhar educativo sobre essas culturas, para desconstruir um modelo que é aceito pela sociedade, tal como “*índios são todos preguiçosos*” ou “*são atrasados tecnologicamente.*” Será posta em questão ao desenvolver com os conceitos de “progresso”, ao tentar entender se realmente tal grupo denominado “selvagens”, realmente desenvolveram suas tecnologias ou não.

Por fim, a crítica e conhecimento dos alunos para com essa cultura e uma visão mais abrangente dos historiadores trará, além da inserção de um conhecimento político-histórico na sala de aula, a percepção de que a história o cerca em pequenas parcelas e que este sim pode ser um sujeito da História e não um agente passivo sujeito a ela.

Experiências na sala de aula:

(Relatório dos estagiários.)

1° Cilene Pereira Maximiano

A aula-oficina desenvolvida, pelos alunos bolsistas do PIBID na turma do terceiro ano do ensino médio, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e médio John Kennedy, constituiu-se em um projeto que procurou refletir sobre decifrar uma das reais identidades formativas do povo brasileiro, assim como tentamos desmascarar preconceitos a respeito da cultura indígena como algo "primitivo" dispomos isso de

forma local pensando nos povos indígenas da Paraíba, mais precisamente da região do agreste onde a escola se localiza: Guarabira-PB.

A história da Paraíba é apresentada sob o olhar da hegemonia do colonizador. Um processo histórico que tem deixado efeitos negativos e perceptíveis. As formas de ocupação e expansão humana no território paraibano ocorreram, muitas vezes, sob força da imposição e negação da diversidade dos povos originários aqui existentes, contribuindo para a destruição e o extermínio da maioria desses povos.

A história tem sido apresentada da forma como os dominantes entendiam que devia ser. Tudo teria que favorecer os interesses deles, e suas formas de ganância em querer se apropriar de tudo. Por isso, sempre menosprezaram a diversidade dos povos e seus saberes milenares. Sabemos que a exterminação de grande parte dos povos originários foi um fato que marcou toda a história do Brasil.

Nos livros didáticos, a história contada tendeu a mostrar o indígena sempre no contato com o europeu, associado à antropofagia, à guerra, à condição de selvagem e à ideia de um ser tecnologicamente inferior e que deve ser civilizado. Percebemos que esse é também o imaginário do aluno. O índio é apresentado nos dias atuais como pertencente a povos dizimados, vítimas, que vivem em florestas, em representação fantasiosa de natureza isolada. E, ao mesmo tempo, integrante de povos considerados desaparecidos, em virtude de uma perspectiva que entende as mudanças nos costumes indígenas como assimilação, ou seja, perda da cultura original e da identidade ancestral.

Pensar nos lugares, nos papéis, na importância formativa da História no currículo da Educação básica requer concebê-la como conhecimento e prática social, em permanente (re)construção, um campo de lutas, um processo de inacabamento. Um currículo de História é, sempre, produto de escolhas, visões, interpretações, concepções de alguém ou de algum grupo que, em determinados espaços e tempos, detém o poder de dizer e fazer. (FONSECA; SILVA, 2010, p. 16)

Os currículos de História, sejam aqueles produtos das políticas públicas ou da indústria editorial, sejam os currículos construídos pelos professores na experiência cotidianas, produzem errâncias, que provocam conquistas que expressam visões e escolhas, revelam tensões, conflitos, acordos, consensos, aproximações e produzem distanciamentos.

No século XIX se buscava uma identidade nacional. Os principais mentores desta ideia estavam ligados ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGP) e a literatura Romântica. O ideal era construir uma identidade nacional indígena, o índio era considerado o mais legítimo representante da nossa cultura, pois eram os primeiros habitantes destas terras, diferente do negro e do branco que vieram de fora. Escritores como José de Alencar (1829-1877), do movimento romântico, contribuiu imensamente para isso. Alencar em suas obras, mostrava o índio como o "bom selvagem", um exemplo a ser seguido que se submeteu aos preceitos civilizatórios.

Temos uma lei que nos obriga a falar sobre as culturas indígenas a 11.645 de 10 de março de 2008, mesmo assim a realidade tem mudado mesmo de forma lenta, assim como se procede determinadas políticas e mudanças no Brasil. Mas, com as diretrizes reafirmadas e decretadas com a lei 11.645/08, não apenas, passou-se a se cobrar o ensino indígena, para os próprios indígenas, mas a reformulação das ideias e das representatividades destes povos na cultura e na história. O Dia do Índio em 19 de abril, não deve mais ser apenas um dia, no qual as crianças pintam os rostos, vestem tangas e põem cocares de penas nas cabeças.

"A diversidade humana é infinita: se quero observá-la, por onde começar? É preciso distinguir entre duas perspectivas. Na primeira, a diversidade é a dos próprios seres humanos; aí o que se quer saber é se formamos uma única ou várias espécies. Na segunda, os valores estão em jogo: existem valores universais; e, portanto uma possibilidade de levar os julgamentos para além das fronteiras, ou todos os valores são relativos (a um lugar, a um momento da história, ou mesmo à identidade dos indivíduos)? O problema da unidade e da diversidade se transforma então no problema do universal e do relativo". (OLIVEIRA, 2010, p. 161 apud TODOROV, 1993, p. 21).

A utilização do termo índio, passou a ser questionada em seu emprego, já que o termo em si, serve para designar de forma generalizada os povos e as culturas, presumindo a falta de identidade cultural de cada povo, e generalizando tais indivíduos sob uma prerrogativa antiga e preconceituosa. Hoje, deve-se utilizar o termo índio e índia para se referir a um indivíduo deste povo (já que o conceito de raça também é considerado pejorativo e ultrapassado, já que para muitos, todos nós independentemente de cor e características físicas, somos da mesma espécie, o Homo sapiens), e o plural destes termos, para designar uma grande quantidade de indivíduos, mas não mais se referir-se ao povo em si.

Pode-se perceber as formulações dos problemas do presente e seus desafios como propulsores de uma história do ensino e, nessa perspectiva, muitas das pesquisas buscam no passado da História escolar as permanências e transformações quanto aos objetivos da disciplina, a construção de seus mitos como *matéria* voltada para construção de valores e identidades sociais e políticas. As fases conturbadas dos períodos das reformas curriculares são recuperadas no sentido de identificar os conflitos e as disputas inerentes à legitimação de determinados conhecimentos a serem disseminados pela escola. (BITTENCOURT, 2011, p. 96)

Na nossa aula oficina buscamos problematizar tais questões citadas a cima. A desconstrução é um processo contínuo. Observamos que a maioria dos alunos que comentaram na nossa primeira aula introdutória, são alunos que assistem tv, mais precisamente a Rede Globo, na qual está passando uma novela que se baseia na colonização e chegada dos portugueses no Brasil, e os alunos a medida que fomos falando nos interrompiam pra falar: “Eu vi em tal novela, foi de tal forma.” Sabemos a importância da interação, mas precisamos elucidar tais visões, até porque tais construções audiovisuais são constituídas com uma intenção e isso não é só o que deve ficar no imaginário deles. As imagens romantizadas dos filmes e novelas movem um imaginário dos alunos e nós historiadores precisamos criticar, desconstruir e problematizar, é nosso papel social fazer com que se questionem e não insiram em seu pensamento todo o conteúdo pronto disposto pelas grandes redes de comunicação.

O objetivo de realizamos essa tarefa é de ajudar e contribuir com a formação dos alunos a professores do PIBID, na construção e formação de um aluno critico e conhecedor da história de seus antepassados, na história da formação de sua cidade e que esse povos originários também contribuíram ativamente na formação dessa história. Na realização e no cumprimento da lei federal nº 11.645/2008 e a lei de diretrizes Curriculares Nacionais, para o ensino de História, que colocar a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura do Afro- brasileiros Africanos e Indígenas.

2º Nereu Santana Silva

As duas primeiras aulas foram realizadas com uma apresentação dos povos que se encontravam em toda a América, procurando dar a sua localização, atividade, cultura, religião e etc..., houve um pouco de informação sobre os Astecas, Guaranis e sua ramificação. A sua chegada, onde hoje é o município de Guarabira, logo após a fundação da cidade de Nossa Senhora das Neves, e a expansão da conquista deste

território, rumo ao oeste obtendo terras para satisfazer acordos feitos antes dos confrontos pela disputa. Com a entrada dos conquistadores, os povos originários foram sendo empurrados para o sertão ou para o Rio Grande do Norte.

Foi no pé da Serra da Copoaba, onde hoje é a cidade de Guarabira, onde nós começamos a relatar a História deste povo através do livro de Nonato Nunes, Guarabira 1603- 1887 Missões, vila, cidade. Este livro nos ajudou a fazer uma comparação com outros autores.

Fatos como a História do chefe “Pássaro azul” que vivia no pé da Serra de Copoaba, a questão da seca, a busca da água já que o rio mais próximo ficava a certa distância, sempre provocando a participação dos alunos que respondiam com perguntas, foi bem gratificante perceber a vontade dos alunos em obter as informações.

Histórias como a de que o rio Guarabira era navegável por pequenas embarcações que conduziam o Pau Brasil desta região, e que o Pau Brasil desta região era o melhor do Norte da colônia portuguesa, pois a tinta que dava da extração da madeira era um avermelhado bem melhor.

Histórias como que a em frente da Igreja Nossa Senhora da Luz era o local de um pequeno porto, de onde se saía e entrava todos os produtos para a vila e que a frente da Igreja era para o rio Guarabira. Tudo isso contado pelo professor João Andrade, professor de História da escola que teve uma oportunidade de acrescentar essas informações para os alunos do 3º ano do ensino médio e para os alunos do PIBID da UEPB.

Na construção de uma aula em que foi utilizada uma ferramenta do sistema de informática, Power Point, para se realizar uma apresentação para os alunos. O nosso objetivo foi de construir um território em seu imaginário e com a complementação com fotos, assim poderíamos construir de um nodo que fique gravado em suas mentes e consciência, o trabalho com fotos é que nos permite fazer uma leitura da época através das fontes que estão na foto como roupa, sapato, meio de transporte, casa e etc., o grande detalhe é que os professores não sabem fazer essas leituras para poder passar para os alunos, principalmente as fotos que são colocadas nos livros didáticos que estão cheio de fotos, mapas, gráficos e etc.

Após quinze dias, foram realizadas mais duas aulas de quarenta e cinco minutos, desta vez com a participação de todo o grupo, o tempo foi dividido pelos cinco para que todos pudessem realizar a sua aula. O tema já era do conhecimento de todos e foi muito bem exposto por todos, cada qual mostrando o quanto os povos originários ajudaram na construção da História da Paraíba, de Guarabira e da sua própria História.

O ponto mais importante, onde os alunos mostraram mais atenção, foi na lista de povos originários que se encontravam dentro do território da Paraíba, povos como Paiaku, Corema, icó, Pega Tarairiu, Artu, Jandúí, Sucuru, Xokó, Vouvè, Bultrin, Bodopitá, Caeté, Potiguara, Tabajara; e contamos como foi que estas nações foram entrando no estado e de onde eles vinham, nós só pudemos construir estas informações tão ensecarias para transmitir para os alunos, contar quem eram esses povos, de onde vieram, como vieram. Todas as informações foram tiradas dos livros que foram utilizados como fontes.

Foi apresentada uma proposta de uma gincana para os alunos, onde eles colocariam em uma folha três coisas sobre como eles viam os Índios e que seria comentado pelo Severino na próxima aula. E assim foi realizado por Severino e Bruno, que por pedido do professor João Andrade passaria um filme de nome Apocalypico, com a presença de todos.

Severino começou a fazer a sua explanação, mostrando para os alunos as principais colocações escritas por eles e fazendo uma comparação com o pensamento científico e acadêmico, sempre permitindo aos alunos a colocarem suas observações ou qualquer outra pessoa presente, logo depois Bruno começou a realizar a apresentação do filme Apocalíptico. Um dos questionamentos foi sobre o praticado canibalismo pelos povos originários, então foi explicado para os alunos que não eram todos os povos que praticavam tais atos, mais sim alguns povos e que essas praticas possuíam alguns princípios como, por exemplo, eles acreditavam adquirir a força dos outros guerreiros ao comê-los, neste caso, somente os homens e nunca as mulheres. E neste outro caso se comia os membros de sua tribo por acreditar que o melhor lugar de enterrar seu ente querido era dentro de si mesmo, se praticava .

Conclusão:

A partir das experiências analisadas na sala de aula, podemos concluir que nem todos os alunos tinham conhecimento de particularidades de ancestrais indígenas no seu dia a dia, e que, durante as aulas, o incentivo à investigação histórica a partir do meio onde eles vivem acabou por se mostrar bem mais rico que diversos métodos convencionais em sala de aula que vinham sendo aplicados.

A facilidade se encontrou também em conciliar a dinâmica e a proposta de projeto com um aprofundamento mais didático voltado para o ENEM. A assimilação e o choque causado pelo reconhecimento de todo um confronto causado pelos europeus com os indígenas de Guarabira foi o ponto de partida também para um certo desenvolvimento patriótico natural, onde os alunos passaram a investigar mais a fundo a história da própria cidade, contribuindo tanto assim para o desenvolvimento dos planos da escola e para com a própria produção historiográfica do seu município, junto com os professores. O projeto em 75% terminou tendo os resultados esperados ao propor uma investigação de sujeitos que ao longo do tempo teriam sido esquecidos por uma história mais geral e elitista.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Tânia Maria de. / (coordenadora) Tânia Maria de Andrade... [et al.]. – 1ª. ed. – João Pessoa, PB: Editora Grafset. 2012.

MOREL, Cristina Massadar. **Almanaque Histórico Rondon: a construção do Brasil e a causa indígena.** / Cristina Massadar Morel e Marco Morel, Brasília: Abravideo, 2009.

NUNES, Nonato S.. **GUARABIRA 1603 – 1887 Missões, vila, cidade.** Copyright by N.S. Nunes, João Pessoa, Paraíba, 2015.

RIBEIRO, Berta Gleizer. **O Índio na história do Brasil** / Berta g. Ribeiro. – 10ª ed. – São Paulo: Global Ed. 2001.

BITTENCOURT, Circe Fernandes. **Abordagens Históricas sobre a História escolar.** Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 36, n.1, p. 83-104, jan./abr., 2011. Disponível em: http://www.ufrgs.br/edu_realidade
FONSECA, Guimarães Selva; SILVA, Marcos Antônio. **Ensino de História hoje: errâncias, conquistas e perdas.** Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 31, nº 60, p. 13-33 – 2010.

OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. **História: ensino fundamental. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica,** 2010.